



## CAPÍTULO 5

# A hipermodernidade e a Teoria dos Gêneros Textuais: conceitos, convergências e a prática docente<sup>1</sup>

*Anna Carolina Ferreira Carrara Rodrigues<sup>2</sup>*

*Bruna Sabino Sinis<sup>3</sup>*

---

1 Trabalho resultante do projeto de pesquisa “Hipermodernidade e apropriação de gêneros discursivos: o funcionamento da linguagem e os desafios da prática pedagógica” financiado pelo Programa de Apoio à Pesquisa (PAPq/UEMG/2017).

2 Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Docente da UEMG, unidade Carangola. E-mail: anna.rodrigues@uemg.br.

3 Graduada em Letras Português/Inglês pela UEMG, unidade Carangola e bolsista PAPq (UEMG/2017). E-mail: bruna\_sabino18@hotmail.com.

## Introdução

Toda semiótica é semiótica multimidiática e todo letramento é letramento multimidiático. A análise da semiótica multimidiática me levou a refazer algumas perguntas antigas de maneiras novas e a começar a olhar para a história da escrita, do desenho, do cálculo e da mostra visual de imagens em uma perspectiva diferente. Faz um bom tempo que as tecnologias do letramento não são tão simples quanto a caneta, a tinta e o papel. E na era da imprensa, assim como antes dela, o letramento raramente esteve atrelado de forma estrita ao texto escrito. Muitos dos gêneros do letramento, do artigo da revista popular ao relatório de pesquisa científica, combinam imagens visuais e texto impresso em formas que tornam as referências entre eles essenciais para entendê-los do modo como o fazem seus leitores e autores regulares. Nenhuma tecnologia é uma ilha. Conforme nossas tecnologias se tornam mais complexas, elas se tornam situadas em redes mais amplas e longas de outras tecnologias e de outras práticas culturais (LEMKE, 2010, s.p.)

As mudanças pelas quais o mundo passou e passa na era da hipermodernidade são inegáveis, e a epígrafe eleita para iniciar este texto ilustra bem o processo. As maneiras de participação política, interação social e manifestação de opiniões assumiram características próprias, e tudo isso se reflete, de forma intensa, na forma como a comunicação se dá através dos textos (CARRARA, 2017). Diante desse quadro, a Teoria dos Gêneros Discursivos (BAKHTIN, 2003; MARCUSCHI, 2008; MARCUSCHI; XAVIER, 2010; DIONÍSIO; MACHADO; BEZERRA, 2010; ROJO; BARBOSA, 2015) aparece ainda mais potente na discussão sobre o funcionamento e o papel dos enunciados e seus mecanismos dialógicos.

A Teoria dos Gêneros Discursivos permeia as atividades de produção e circulação dos discursos desde a Grécia Antiga. O século XX retomou o tema, dando-lhe amplitude e, mais especificamente nas últimas décadas, essa teoria encontrou o caminho das salas de aula e materiais didáticos da educação básica. Embora faça parte de um conjunto de medidas para melhoria do ensino de língua portuguesa, nem sempre teve sua contraparte prática devidamente desenvolvida, o que gerou muitas teorizações, formalizações e minúcias que atravancaram o aprendizado.

Tendo consciência desse contexto, debater essa teoria e discutir metodologias e práticas pedagógicas que possam efetivar a apreensão dos gêneros do discurso pelos alunos dos ensinos fundamental e médio continua sendo um desafio para os pesquisadores e professores da área da linguagem, especialmente agora, diante do quadro de renovação e criação frequente de novos gêneros, motivado pelo comportamento da sociedade hipermoderna. Diante disso, Rojo e Barbosa (2015, p. 131) lançam as seguintes perguntas que precisam ser respondidas: Como a escola pode atuar na promoção e qualificação dessa participação multiletrada na hipermodernidade? Que experiências devem ser proporcionadas aos alunos? Quais práticas de linguagem adotar? Como contemplar esses gêneros, práticas e procedimentos na escola? Quais escolher? Como trabalhar com eles?

É fácil reconhecer que a escola ainda privilegia a cultura dita “cultura” e não leva em conta os novos e multiletramentos, bem como práticas, procedimentos e gêneros em circulação na hipermodernidade. As demandas atuais devem ser refletidas de forma crítica e elaborada nos currículos. Para Rojo e Barbosa (2015, p. 135):

Para que a escola possa qualificar a participação dos alunos nas práticas da web, na perspectiva da responsabilização, ela deve propiciar experiências significativas com produções de diferentes culturas e com práticas,

## A hipermodernidade e a Teoria dos Gêneros Textuais: conceitos, convergências e a prática docente

procedimentos e gêneros que circulam em ambientes digitais: refletir sobre participações, avaliar a sustentação de opiniões, a pertinência e adequação de comentários, a imagem que se passa, a confiabilidade das fontes, apurar os critérios de curadoria e de seleção de textos/produções, refinar os processos de produção e recepção de textos multissemióticos.

A possibilidade de contemplar gêneros, práticas e procedimentos hipermodernos (e digitais) no ambiente escolar passa por organizá-los por esferas de circulação. Assim, podem-se eleger, por exemplo, as de maior relevância na vida cultural, privada e pública (ROJO; BARBOSA, 2015):

- i. esfera jornalística: responsável pelo controle da informação (*blog*, carta de leitor, comentário, revista digital, programa de rádio, crônica visual, documentário, jornal de tv, meme, charge, entre outros);
- ii. esfera de divulgação da ciência: responsável pelo controle do conhecimento (resumos, resenhas, monografias, artigos etc.);
- iii. esfera da participação na vida pública: responsável pelo fazer político contemporâneo (folhetos, *flyers*, guias, carta de reclamação, e-mails, propaganda eleitoral, panfleto, debate, carta de protesto, entre outros);
- iv. esfera artístico-literária: responsável pelo entretenimento (videoclipes, curta, poema digital, canção, *playlist* comentada, *blogs* de crítica literária e cinematográfica etc.).

O objetivo deste capítulo é, pois, apresentar o conceito de hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2004). E, assim, avaliar como a escola está lidando com as novas formas de construção de sentido e discutir práticas pedagógicas para o ensino de língua e linguagens que levem os alunos à apreensão dos gêneros discursivos de forma crítica e ética.

## A hipermodernidade e a prática docente nas aulas de língua portuguesa

O termo hipermodernidade, lançado pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky (2004), define a situação paradoxal da sociedade contemporânea, dividida de modo enlouquecido entre a cultura do excesso e o elogio à moderação. De um lado, diz Lipovetsky (2004), “é preciso ser mais moderno que o moderno, mais jovem que o jovem, estar mais na moda do que a própria moda”; de outro, “valorizam-se a saúde, a prevenção, o equilíbrio, o retorno da moral ou das religiões orientais”.

Esse regime expressa o excesso como uma exigência ou urgência da vida contemporânea. As mais diversas esferas da sociedade estão submetidas a um ritmo acelerado e hiperbólico: a circulação de capital, o consumo, os mercados gigantescos, os shoppings, a tecnologia, a televisão e seus espetáculos, as grandes cidades, o turismo. Ou seja, são os hipermercados, o hiperterrorismo, as hiperpotências, o hipertexto, as hiperclasses, enfim, o hipercapitalismo. E isso não se limita ao comportamento coletivo; ao contrário, os indivíduos também foram capturados pelos extremos: bulimias, *doping*, esportes radicais, assassinatos em série, obesidade, compulsões, obsessão pela forma física e pela beleza. Estamos na era do hedonismo individual e do hipernarcisismo.

Considerando esse fenômeno na linguística, Carrara (2015) lança algumas questões: qual seria o reflexo da modernidade superlativa em nosso modo de falar? Em uma sociedade hipermoderna haveria um hipermodo de dizer? Em termos mais específicos, a polarização das práticas e valores sociais estaria trazendo uma correlata expansão de usos, implicando novos padrões e sentidos? Os gêneros do discurso estão se remodelando diante desse novo quadro?

De fato, é assim que construções – da gramática, do léxico e do discurso – se configuram: emergem do uso e, reiteradas, se convencionalizam

## A hipermodernidade e a Teoria dos Gêneros Textuais: conceitos, convergências e a prática docente

em um sistema linguístico; depois, diante de mais novidades, voltam a ser chama, se renovam e expandem (CARRARA, 2015).

Rojó e Barbosa (2015) discutem como esse novo tipo de comportamento se aplica às práticas da linguagem. Para as autoras:

[...] a primeira geração da internet (WEB 1.0), principalmente dava informação unidirecional (de um para muitos), como na cultura de massa. Com o aparecimento de sites como Facebook e Amazon, a WEB tornou-se cada vez mais interativa. Nesta web 2.0, são principalmente os usuários que produzem os conteúdos em postagens e publicações, em redes sociais como Facebook, Twitter, Tumblr, Google+, na Wikipédia, em redes de mídia como YouTube, Flickr, Instagram, etc. À medida que as pessoas se familiarizaram com a web 2.0, foi possível a marcação e etiquetagem de conteúdos dos usuários que abrem caminho para a próxima geração da Internet: web 3.0, a dita internet “inteligente” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 119).

Essas questões, além de nos remeterem à avaliação da qualidade das informações veiculadas e dos textos produzidos, nos remontam, novamente, à hipermodernidade: nos tempos *hiper*, não basta viver, é preciso contar e mostrar o que se vive. Aqui, pode-se questionar se, de fato, os gêneros textuais produzidos em massa estão sendo lidos e interpretados ou se a cultura do produzir/compartilhar/curtir/comentar se sobrepõe à da leitura atenta e seleção das informações.

Partindo dessas considerações que relacionam as práticas textuais à noção da hipermodernidade, a Teoria dos Gêneros e sua aplicação – por exemplo, seus reflexos nas propostas curriculares das escolas e as sequências didáticas utilizadas – vêm à tona como um caminho profícuo para que os conceitos mantenham vínculos com a vida. Ou seja, esses princípios, nos termos de Bakhtin (2003); Marcuschi

(2008); Marcuschi, Xavier (2010); Dionísio, Machado, Bezerra (2010); e Rojo, Barbosa (2015), nos fornecem subsídios teóricos para o trabalho com os gêneros emergentes na língua ou com aqueles já cristalizados que, porém, estão se reconfigurando para atender às novas demandas.

Para Rojo e Barbosa (2015, p. 136)

[...] as práticas de linguagem ou enunciações se dão sempre de maneira situada, isto é, em determinadas situações de enunciação ou de comunicação, que se definem pelo funcionamento de suas esferas ou campos de circulação dos discursos (científico, jornalístico, literário, artístico, de entretenimento, íntimo, familiar e assim por diante). Essas esferas ou campos e seu funcionamento estão eles mesmos situados historicamente, variando de acordo com o tempo histórico e as culturas locais (ou globais). Assim, a maneira de se fazer jornalismo no Brasil de hoje não é a mesma que a da Inglaterra ou a do Brasil no século XX. O funcionamento das esferas de circulação dos discursos define os participantes possíveis da enunciação (locutor e seus interlocutores) assim como suas possibilidades de relações sociais (interpessoais e institucionais). Define também um leque de conteúdos temáticos possíveis no funcionamento de uma esfera (não se fala de qualquer coisa em qualquer lugar).

Enquanto falantes, nos comunicamos por meio de gêneros. A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades de atividade humana. Dessa forma, tudo que ouvimos e falamos diariamente se acomoda a gêneros discursivos.

Bakhtin (2003 [1952-1953/1979]) chama de gêneros primários aqueles que ocorrem em nossas atividades mais simples, privadas e cotidianas, geralmente – mas não necessariamente – na modalidade oral

## A hipermodernidade e a Teoria dos Gêneros Textuais: conceitos, convergências e a prática docente

do discurso. Podem ser ordens, pedidos, cumprimentos, conversas, bilhetes, cartas pessoais, interações no Skype, posts, mensagens de Whatsapp, *posts* em certos tipos de *blog* etc. Há também os gêneros secundários, que servem a finalidades públicas de vários tipos, são textos mais complexos e que normalmente se valem da escrita (relatórios, atas, notícias, anúncios, artigos, romances, telenovelas, noticiários televisivos, entre muitos outros).

A diferenciação entre gênero e tipo textual é fundamental, e a ausência desse conhecimento gera, ainda hoje, erros em materiais didáticos e mesmo dentro de sala de aula. Luiz Antônio Marcuschi (2008) apresenta uma distinção clara de tipo *versus* gênero:

Gênero textual se refere aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas constituindo em princípio listagens abertas (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Os tipos textuais são, pois, construções teóricas definidas pela natureza linguística de sua composição e abrangem meia dúzia de categorias: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

Levando em conta essas discussões teóricas em torno da hipermodernidade e como ela pode estar inserida nas aulas de língua portuguesa através da teoria dos gêneros, faz-se necessário um debate sobre as possibilidades da prática docente. Essas alternativas emergem dessa



nova configuração da sociedade e das relações de comunicação e, para isso, o trabalho com o gênero servirá de exemplificação.

Inicialmente, o *blog* começou como um diário on-line, em que seus idealizadores postavam sua rotina. No decorrer do tempo, assumiu um caráter mais plural, sendo possível encontrar *blogs* dos mais variados assuntos. Percebe-se, portanto, que a internet transformou leitores em escritores e, mais do que isso, ofereceu espaço para que aqueles que desejassem expor opiniões, comentários e dicas o fizessem com certa facilidade. Ou seja, foi um gênero que acompanhou de perto as mudanças que o mundo moderno sofreu na época.

Haja vista a pluralidade de *blogs* existentes – pessoais, literários, de notícias, moda, esporte, tecnologia –, são oferecidas amplas abordagens e discussões para as aulas de língua portuguesa, abarcando desde questões do âmbito formal (sintaxe e morfologia) até questões de significação semântica e pragmática. E, sendo proveniente da mídia digital, possui diversos mecanismos para interação com o leitor, como imagens, ícones e *links*, possibilitando o trabalho com a linguagem verbal e não verbal.

Se o *blog* for pensado como um suporte textual, ele passa a oferecer a possibilidade de se encontrarem outros gêneros em sua composição, permitindo atividades com anúncios publicitários, comentários, resumos e resenhas, por exemplo. As aulas de português, com proposição de uma relação entre a hipermodernidade e os gêneros discursivos, poderiam ter a seguinte configuração, exemplificada pela seleção do gênero textual *blog*.

Como objetivo tem-se:

- Desenvolver a capacidade de ler e navegar através das mídias digitais, aprimorando as competências de linguagem, buscando uma

## A hipermodernidade e a Teoria dos Gêneros Textuais: conceitos, convergências e a prática docente

leitura mais crítica e a construção da capacidade de formular perguntas e refletir, além de aperfeiçoamento de habilidades discursivas.

Já na metodologia sugere-se:

- Análise do gênero em questão: o *blog*. Através de posts em material impresso, verifica-se o uso da linguagem verbal, *layouts*, *ícones* e imagens, de modo a compreender e analisar os textos de uma maneira reflexiva, possibilitando colocar em prática o conhecimento adquirido nas relações com as mídias digitais no cotidiano.

Partindo-se das discussões teóricas, objetivo e metodologia apresentados, alguns questionamentos podem ser levantados a respeito do *blog* – ou qualquer outro gênero selecionado:

- A linguagem utilizada;
- Organização composicional;
- O público-alvo;
- A mensagem a ser transmitida para o interlocutor.

Ao selecionar textos para análise e discussão em sala de aula, o professor pode levantar as seguintes questões:

- Com base nos *blogs* analisados, o que é possível perceber com relação à linguagem escrita?
- Qual é o público-alvo? Tente defini-lo.
- A linguagem utilizada alcança o público-alvo? Se sim, quais recursos linguísticos são utilizados para atingir esse público?
- Podemos notar o uso de mecanismos próprios do meio virtual como *links* e símbolos, os *emoticons*. Qual a intencionalidade do autor(a) ao inserir esses recursos em determinado ponto do texto?

- Você acredita que os(as) blogueiros(as) exercem o papel de “influenciadores digitais”? O que esse termo significa de acordo com o que vimos até agora sobre o gênero?
- No gênero *blog* é comum o aparecimento de anúncios publicitários. Analise as postagens apresentadas e responda a seguinte pergunta: Quais são as estratégias de convencimento contidas nas mensagens?
- A linguagem apresentada nos textos e as imagens veiculadas são adequadas à mídia em que aparecem? Se sim, por quê?
- Você observou alguma construção morfológica ou o uso de prefixos e sufixos que diferem das encontradas em outros textos que você conhece?
- E o uso dos sinais de pontuação? O que você identifica de especial nisso nos *blogs* analisados?
- Há uma identificação com a linguagem usada pelo autor do *blog*?
- As temáticas retratadas nos *blogs* estudados são comuns à sua rotina ou vida diária?

Os alunos precisam, portanto, compreender que as escolhas feitas na produção de um discurso oral ou escrito não são aleatórias, pois mesmo que sejam inconscientes, decorrem das condições e intencionalidades dos interactantes. Mais do que formar indivíduos capazes de reconhecer e navegar pelos mecanismos constituintes dos gêneros digitais, se faz relevante que saibam identificar como se dá a composição de cada um e busquem um uso efetivo da língua materna.

## Considerações finais

Desenvolver uma prática docente, que abarque várias competências linguísticas e forme um indivíduo capaz de usar efetivamente os recursos de sua língua, nunca foi tarefa fácil. Hoje, a hipermodernidade eleva o grau de dificuldade dessa tarefa, ao fazer emergir relações de

## A hipermodernidade e a Teoria dos Gêneros Textuais: conceitos, convergências e a prática docente

comunicação e manifestações novas e inquietantes da língua no que se refere à construção de sentido.

Embora ainda haja conflitos a respeito da inclusão dos gêneros hipermodernos nas salas de aula, a necessidade de rompimento com as práticas formalistas, para que deem lugar às funcionalistas no ensino da língua, ainda é uma luta viva, juntamente com o ensino dos mecanismos que cercam as mídias digitais. É notório que essas questões já vêm sendo discutidas, o que favorece sua inserção nas práticas pedagógicas. O que ainda pode ser uma barreira ao introduzir esses gêneros em sala é a falta de capacitação de professores diante dessa nova realidade ou a crença de que os educandos possuem esse conhecimento internalizado.

Os alunos, possivelmente, ao chegarem à escola, já possuem certo domínio sobre esses mecanismos, porém, não entendem plenamente a estrutura composicional dos gêneros (o par forma/sentido). O papel do professor de língua portuguesa é orientar os estudantes a participar com eficiência das interações que empreenderão em sua língua por meio dos gêneros textuais, inclusive os digitais. Marcuschi (2008) ressalta essa necessidade:

Diante disso, o que pode oferecer a escola ao aluno? Considerando que a capacidade comunicativa já se acha muito bem desenvolvida no aluno quando ele chega à escola, o tipo de atividade da escola não deve ensinar o que ele já sabe. Nem tolher as capacidades já instaladas de interação. Assim, a resposta pode ser dada na medida em que se postula que a escola não ensina língua, mas usos da língua e formas não corriqueiras de comunicação escrita e oral. O núcleo do trabalho será com a língua no contexto da compreensão, produção e análise textual (MARCUSCHI, 2008, p. 55).

O ensino não pode, portanto, deixar de abarcar as competências necessárias para o indivíduo ser um bom falante da língua. E abordar os gêneros que emergiram/emergem na hipermodernidade é fundamental para o que aluno possa participar das atividades sociais que utilizam a leitura e a escrita de uma forma crítica e atuante.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad.: P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes: 2003, p. 261-306.
- CARRARA, Anna Carolina Ferreira. **A construção prefixal de modificação de grau** – uma abordagem construcionista da morfologia derivacional. 214 p. 2015. Tese (doutorado em linguística). Programa de Pós Graduação em Linguística, UFJF, Juiz de Fora, 2015.
- DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros Textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 49, n. 2, p. 455-479, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8645275>. Acesso em: 15 mar. 2017.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos Hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção ao sentido**. São Paulo: Cortez, 2010.
- ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Editora Parábola, 2015.

## Leitura complementar

- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio) – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/SEF, 2002.
- COSCARELLI, Carla Viana (org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.